

A COMUNIDADE FEMININA COMO FATOR DE COESÃO NA LITERATURA NEGRA DA DIÁSPORA.

Mail Marques de Azevedo
Universidade Federal do Paraná

“Rootedness: The Ancestor as Foundation”, o título expressivo do conhecido depoimento de Toni Morrison sobre os traços identificadores do romance afro-americano, estabelece uma relação metafórica entre os ancestrais e a comunidade negra, da qual constituem os alicerces. Sua presença é um indicativo de integridade cultural na literatura afro-americana contemporânea, determinando “o sucesso ou a felicidade do personagem”; sua ausência é “assustadora, causando enorme destruição e descompasso na própria obra”. Não se trata apenas dos ascendentes diretos, os pais, mas de uma espécie de figuras “atemporais, transmissoras de uma espécie de sabedoria e cujo relacionamento com as personagens é benevolente, instrutivo e protetor”.¹

O encadeamento “raízes”, “ancestral”, “sobrevivência” conduz ao objetivo deste trabalho, a análise do papel da ancestral feminina na literatura negra brasileira e norte-americana, a fim de estabelecer paralelos entre conteúdo temático e formas narrativas. Como ponto focal escolhi duas histórias de iniciação, *The Bluest Eye*, o primeiro romance de Morrison, publicado em 1970,² e *A cor da ternura* de Geni Guimarães,³ texto de caráter autobiográfico, em que se identificam-autor-narrador-personagem, num desnudar de experiências íntimas de tom subjetivo e poético. Já *The Bluest Eye* envolve um acontecimento que atinge a comunidade como um todo – o estupro de Pecola Breedlove, menina de onze anos, pelo próprio pai, sua rejeição pelo grupo social e conseqüente insanidade.

¹ MORRISON, Toni. The Ancestor as Foundation. In: EVANS, M. (Ed.). *Black Women Writers (1950-1980)*. A Critical Evaluation. New York: Anchor Press, Doubleday, 1984. p. 201-230.

² MORRISON, T. *The Bluest Eye*. New York: Washington Square Press, 1972.

³ GUIMARÃES, Geni. *A cor da ternura*. São Paulo: Editora FTD, 1998.

Os textos apresentam, previsivelmente, realização formal diversa. Em *A cor da ternura* os problemas de ancestralidade e identidade cultural são explorados e resolvidos como a história de uma personagem, Geni, e a narrativa estruturada ao redor da sua voz como narradora em primeira pessoa. Em *The Bluest Eye*, basicamente a narrativa de Claudia MacTeer, que rememora acontecimentos testemunhados na infância, existe uma multiplicidade de vozes e não se apresenta solução salvadora para a protagonista, cuja insanidade, ao final, exime a comunidade de se responsabilizar por ela. Os argumentos de conexão com as raízes ancestrais são radicalmente invertidos, o que justifico como um mecanismo de defesa do grupo social, que concentra suas mazelas num indivíduo, a ser eliminado como bode expiatório, teoria desenvolvida por René Girard em *The Violence and the Sacred* e *The Scapegoat*.⁴

A comunidade feminina primária – a família – e o ancestral feminino mais importante – a mãe – têm expressões divergentes nos textos em análise. O relacionamento de Geni com a mãe é de profundo amor e certeza de retribuição. À pergunta ingênua da menina, que quer conhecer o “tamanho” do amor da mãe, esta mostra a extensão de seu afeto estendendo os braços. O comentário da narradora adulta confirma a certeza do amor retribuído: “Era o tanto certo do amor que precisava, porque eu nunca podia imaginar um amor além da extensão de seus braços” (C.T., p.9). Durante o dia, a menina revive “mil vezes” o riso calmo e curto com que a mãe retribui seus olhares de amor e à noite deita-se mais cedo “para pensar no doce cheiro de terra e mãe” (C.T., p.13).

O argumento de conexão com as raízes ancestrais, em sua fase primária do relacionamento mãe-filha, é radicalmente invertido em *The Bluest Eye*. Ao invés de mãe e nutriz, Morrison caracteriza Pauline Breedlove como a destruidora que nega amor aos filhos, principalmente a

⁴ Cf. AZEVEDO, M. *The Nonessential Victim in a Persecution Text: a Reading of Toni Morrison's The Bluest Eye*. São Paulo, 1999. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Inglesa) Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia.

Pecola, que a decepçiona desde o nascimento por ser negra e feia. Sua reação inicial à vista do bebê – “Senhor, como era feia!” (B.E., p. 100)⁵ – desenvolve-se em repulsa sistemática da filha, em quem incute o culto ao mito do branco como padrão de beleza. A menina é obcecada pela idéia de possuir olhos azuis, que a fariam bela e, portanto, amada. Pauline, a mãe-destruidora, acrescenta, portanto, a rejeição ao catálogo de traços que definem Pecola como bode expiatório, um pária, cujo sacrifício não provocará represálias: ela é negra, mulher, criança, feia e desprezada por quem deveria protegê-la. Apresenta todos os sinais da vítima exemplar, papel que, na ficção de Morrison, é atribuído principalmente à mulher, apesar de seu status de guardiã das tradições ancestrais, a exemplo de Pilate em *Canção de Salomão* e Baby Suggs em *Amada*. Ambas são rejeitadas por seus respectivos grupos, que as sacrificam em favor da própria sobrevivência. Sobre a posição ambivalente da mulher na comunidade negra, Morrison afirma, “as mulheres são tanto o navio quanto o porto”, isto é, tanto o refúgio ancestral como as portadoras das cargas mais pesadas, a quem se reservam trabalhos estafantes e os degraus inferiores na escala social, embora representem a força que garante a unidade do grupo. A caracterização de Pauline desconstrói o arquétipo da mãe como nutriz e da mulher negra como paradigma de coragem e retidão. O abandono pela família se completa com a ação do ancestral masculino: ao invés de proteger sua prole, Cholly é culpado de estupro e incesto, crimes que destroem as distinções culturais básicas de um grupo, dando origem a um cataclismo social que, nas sociedades primitivas, só pode ser sanado pelo sacrifício, como meio de reprimir a violência desencadeada. Excluídos da comunidade que, por diversas razões, os vê como *bárbaros* que não entendem as distinções realmente significativas que definem o grupo social, Cholly e Pauline transferem aos mais fracos o processo de vitimização.

⁵ Eu mesma traduzi as citações do original de Morrison.

O texto de Morrison levanta outras questões perturbadoras sobre as figuras atemporais na comunidade negra de Lorain, Ohio, no período 1940-1941, o cronótopo da ação. As vozes das mulheres mais velhas, ouvidas em sessões de mexericos transmitidos por Claudia, condenam irrevogavelmente os Breedloves: “Nenhum desses Breedlove bate bem. (...) Ninguém não sabe nada deles. De onde que vêm nem nada. Nem parente não têm...” (B.E., p. 147). Depois do episódio do estupro, a condenação é estendida a Pecola – ela devia ser tirada da escola pois também “tem culpa no cartório” – e ao bebê, que “taria melhor na terra”:

- Bem, acho que nem vai vivê. Do jeito que a mãe surrou ela, tem sorte de inda tá viva.
- Sorte dela se não vivê. Vai sê a coisa mais feia do mundo”. (...) Devia de tê uma lei: dois feio se juntando pra fazê um mais feio (B.E., p. 147).

A reversão do papel benevolente e protetor da ancestral feminina torna-se compreensível à luz do mecanismo de sobrevivência dos grupos sociais. No processo de transição do rural para o urbano, segregada das tradições do grupo no sul agrário e claramente influenciada pela cultura dominante, a comunidade negra de Lorain vive uma crise cultural. Eliminar um indivíduo que polarize as dissensões do grupo significa restaurar a harmonia, conforme enfatiza Girard.

Na comunidade rural de *A cor da ternura*, uma fazenda de café, no interior de São Paulo, Geni Guimarães ressalta a situação de pobreza comum a brancos e negros. Estes sofrem, em acréscimo, a discriminação da cor. As dificuldades de “estudar” os filhos, comuns aos trabalhadores rurais, são consideradas irrelevantes quando se trata dos negros. O administrador da fazenda não entende por que o pai de Geni insiste em fazê-la estudar, quando o lugar de “você de cor (...) é dar duro na lavoura” (C.T., p. 73). A reação de espanto do pai, quando a menina anuncia a intenção de se tornar professora, mostra que o grupo familiar negro assume um status de inferioridade em relação a outros grupos sociais.

Em situações de crise da comunidade, entretanto, o texto enfatiza a coesão do grupo e a presença da mulher mais velha, detentora do conhecimento ancestral, como mestre dos jovens e restauradora do corpo e do espírito. As histórias de Vovó Rosária, a exemplo do *griot* ou contador de história das tribos africanas, revivem o passado dos negros e instruem as crianças no valor de seu povo. A comunidade familiar de Geni vai buscar o auxílio de outra figura folclórica, Nhá Chica Espanhola, preocupada com a tristeza da menina. Geni sofre a mágoa da incompreensão de uma família amante, que pretende curar sua dor d'alma, causada pelo nascimento de um irmãozinho, com chás para “lombriga aguada”: “Eu tinha era saudade. Do meu colo, da minha comida servida na boca. Dos olhares carinhosos” (C.T., p. 24). Ao contrário da protagonista de *Bluest Eye*, à medida que a história de ‘Geni se desenrola, o distanciamento voluntário da personagem da comunidade familiar é superado. Pecola, alienada da força da tradição ancestral, desenvolve, ao invés de percepção de seu eu negro, consciência exagerada de sua inferioridade. Falta-lhe o contacto com a figura atemporal benevolente, que Morrison representa, em um flashback a 1920, na comunidade feminina que se reúne ao redor de Tia Jimmy. Com a morte de Tia Jimmy, que resgatara o bebê Cholly do monte de lixo onde fora lançado pela mãe, rompe-se a ligação com as raízes ancestrais: frustrado em sua busca pelo pai, Cholly torna-se um ser perigosamente livre, cuja manifestação distorcida de ternura é fatal para Pecola.

A doença e a morte de tia Jimmy fornecem a Morrison o contexto para valorizar o conhecimento tribal da mulher negra: a sabedoria popular, o mexerico, a mágica, o sentimento, informações desacreditadas pela cultura dominante, são incluídas no seu registro pessoal de escritura, para adequar-se a uma realidade diversa daquela preconizada pelo cânone literário

ocidental.⁶ Sob o comando indisputável de M'Dear, as mulheres utilizam-se de todos os recursos a seu alcance no tratamento de Tia Jimmy: “tigelas de caldo de ervilha preta, mostarda, repolho, couve, espinafre, nabo, beterraba, ervilha verde” e, até mesmo, “suco de uma queixada de porco”. M'Dear e Vovó Rosária são versões do mesmo arquétipo da figura ancestral, produtos da criação de mitos que suprem a necessidade de heróis. A tradição folclórica é o repositório “de uma complexa cultura de sobrevivência”, e a conexão com essa cultura popular é a chance para a reconstrução espiritual e psicológica em um ambiente hostil e culturalmente alienador.⁷ Os mesmos rituais que acompanham a morte se reproduzem na celebração do nascimento. A mãe de Geni recebe uma romaria de visitas, que vêm conhecer o novo bebê, ofertando-lhe presentes – “galinhas gordas, amarelas, brancas e rajadas”; “sabonete, talco e metros de pano” – em agradecimento por ter curado seus filhos, com benzimentos e remédios caseiros, de “lombriga, bucho virado ou quebranto” (C.T., p. 20). A morte e o funeral de tia Jimmy são acompanhados de ritos solenes, uma espécie de tributo pagão para assegurar a continuidade da existência do grupo social. Morrison confirma sua percepção da força incomensurável da comunidade como fator de coesão e de sua importância na restauração da harmonia, em ocasiões de crise: ‘Foi como uma tragédia de rua. (...) O morto era o herói trágico, os sobreviventes as vítimas inocentes; a onipresença da divindade, estrofe e antístrofe do coro de pranteadores liderados pelo pastor. Havia dor pela perda da vida, assombro estupefato diante dos caminhos de Deus, e a restauração da ordem na natureza” (B.E., p. 113).

Em uma reversão brusca do tom quase religioso do texto, Morrison demonstra abertamente as conseqüências nocivas da ausência da figura atemporal, na Lorain de 1940, atribuindo a uma comunidade feminina bizarra, constituída por três prostitutas, a iniciação de Pecola. Inteiramente

⁶ MORRISON, T. Memory, Creation and Writing. *Thought* Vol. 59 No. 235 (December 1984), p. 388.

⁷ HARRIS, Trudier. *Fiction and Folklore: The Novels of Toni Morrison*. Knoxville: The Un. of Tennessee Press, 1991.

auto-suficientes as três mulheres tratam Pecola com extrema liberdade, trocando observações de caráter pornográfico na presença da menina. Demonstram de diversas formas seu não conformismo a regras do grupo. Como informa o narrador onisciente, se Pecola tivesse manifestado intenção de seguir seu estilo de vida, elas não tentariam dissuadi-la, nem mostrariam alarme. As fadas-madrinhas paródicas de Morrison assinalam o caráter doentio de uma sociedade em que apenas os excluídos vivem de maneira autêntica. Na companhia das prostitutas, Pecola adquire voz e mantém diálogos normais que nos permitem entrever a menina que floresce quando recebe amor. São os únicos momentos no romance em que a terrível maldição de ser negra e feia é revogada. Torna-se claro que a alienação de Pecola da consciência do seu próprio eu, bem como de seu lugar no grupo, é provocada pela orfandade espiritual.

As diferenças formais entre os textos estendem-se à realização do *plot*: o périplo de Pecola, em seu percurso acidentado em busca de olhos azuis, contrasta com a iniciação de Geni, num círculo de figuras ancestrais benevolentes que lhe possibilitam a conquista da unidade como ser humano e a integridade de mulher negra autoconfiante e auto-suficiente. Sua tranquilidade interior lhe permite enfrentar, na primeira experiência como professora, a rejeição de uma criança, que se recusa a entrar na sala de aula, por medo da “professora preta”. A desconfiança é visível na atitude dos dirigentes e das mães, disfarçada em cochichos e olhares velados. Com inteligência e carinho, Geni vence a resistência da menina, num ato de amor que lhe faz entender “com nitidez nunca sentida” tudo o que seu pai lhe ensinara, “nas suas palavras curtas, nas suas parábolas decifradas na cartilha da existência” (C.T., p. 93). Integrada em sua própria comunidade, ela consegue enfrentar o relacionamento com o mundo, o preconceito e a rejeição, declarando-se “pastora do (seu) povo cumprindo prazerosa o direito e o dever de conduzi-lo para lugares de harmonias” (C.T., p. 83).

Na conclusão de *The Bluest Eye*, o destino de Pecola, reduzida ao silêncio da insanidade, é relatado ao leitor na voz de Claudia MacTeer, cuja função se expande para assumir explicitamente as características de *griot*: penetra nos pensamentos e sentimentos dos outros personagens; é sabedora da obsessão de Pecola por olhos azuis, um desejo que a menina partilhara apenas com Deus e com seu duplo, a amiga imaginária, com quem dialoga diante do espelho. Usando a primeira pessoa do plural, Claudia encampa a voz da comunidade: “Oh, alguns de **nós** a amávamos”. Prosseguindo, seu papel de contadora de histórias onisciente lhe permite, ainda, tirar conclusões a respeito do amor de Cholly por Pecola: “E Cholly a amava. Estou certa de que a amava. De qualquer forma, ele foi o único a amá-la o suficiente para tocá-la, envolvê-la, dar-lhe algo de si mesmo. Mas seu toque foi fatal (...) (B.E., p. 159) .

Enquanto *The Bluest Eye* explora abertamente as conseqüências nocivas da alienação de Pecola das raízes ancestrais negras, o texto de Geni Guimarães sugere, de maneira subjetiva e poética, o respeito à figura paterna e materna, bem como a importância das figuras atemporais, representadas por Vovó Rosária, cuja idade indefinida – teria 98 ou 112 anos? - confere-lhe o carinho das crianças que a rodeiam respeitosamente para ouvir “histórias da escravidão”. A ânsia da narradora-personagem em exaltar em versos a Princesa Isabel, heroína daquelas histórias, evidencia sua necessidade de afirmar a própria negritude e de identificar-se com as raízes do seu povo, concretizada, ao final, na voz de sua maturidade: “E sentimentos placentários escaparam do meu útero das minhas raízes, grafaram as leis regentes de todos os meus dias” (C.T., p. 93). Contrastando com essa afirmação de maturidade, a história de Pecola narra o fracasso de um processo de iniciação: na conclusão do romance, ela é vista remexendo o lixo, “cotovelos dobrados, as mãos sobre os ombros, batendo os braços como um pássaro, num esforço grotescamente fútil para voar” (B.E., p. 158). Esta é a voz de Claudia, a narradora em primeira pessoa, que assume explicitamente características corais, ao recontar o resultado do sacrifício de

Pecola da perspectiva do grupo social, e dirigida a uma comunidade em que se inclui o leitor. Seu papel é de agente da moral, que julga e condena: “(...) todos os que a conhecíamos sentiamo-nos tão saudáveis, depois que a utilizamos para nos limpar. Belos ao nos compararmos à sua feiúra. Sua simplicidade era nossa decoração, sua culpa nossa santificação, sua dor nos fazia brilhar de saúde, sua inépcia era nossa eloquência (B.E., p. 159). Fica explícito o mecanismo de defesa do grupo, ao contrapor suas fraquezas às do bode expiatório.

Observamos nos dois textos o mesmo processo doloroso de crescimento em um mundo duplamente hostil para a mulher negra e pobre, que luta para esconder “o medo da sociedade, da vida, dos deslizes dos passos”(C.T., p. 81). Ambos utilizam-se da reversão de conceitos e expectativas do leitor a respeito da comunidade feminina nos ritos de passagem. Geni Guimarães subverte o que se espera de uma autobiografia negra, abrandando de maneira sutil o tom de protesto e resistência. Morrison o faz explicitamente pela desconstrução do estereótipo da mãe nutriz e da ancestral feminina como protetora do neófito. Divergem radicalmente na maneira de demonstrar um objetivo comum: a preservação da identidade étnica e cultural como fator indispensável à sobrevivência do grupo. Morrison condena sua personagem à insanidade e alienação, não apenas como vítima de uma comunidade que perdeu a consciência das diferenças culturais que realmente contam e é capaz de sacrificar seus próprios elementos em prol de ideais falsos, mas também por sua própria submissão à cultura branca e incapacidade de desenvolver uma consciência da sua negritude. Ao dramatizar suas próprias experiências nos embates contra o preconceito e a hostilidade social, Geni Guimarães afirma a existência de um caminho positivo para a aquisição da consciência do ser negro, como chave da maturidade e do equilíbrio.